

Ao mestre, com moldura.

José Lima Júnior¹

Agradeço o privilégio de participar do II Simpósio da Sociedade Internacional Rubem Alves (SIRA), desta feita em parceria com a Faculdade Unida de Vitória. Ao expressar meu contentamento nomeio dois amigos que gentilmente me convidaram e que souberam coordenar com competência e *finesse* os esforços de muita gente dedicada ao sucesso do evento: Edson Fernando de Almeida e Wanderley Pereira da Rosa.

Também aplaudo a escolha do tema para este segundo Simpósio: *Rubem Alves: Religião e Educação*. Por certo *religião e educação* se distinguem e centralizam coisas, casos e causos na totalidade da cultura. Por elas, dentre outras formatações, a cultura se constitui com suas variantes às vezes óbvias, outras inusitadas. Isso sem contar ocorrências complementares ou irreconciliáveis. Em Rubem Alves² houve uma primeira intersecção mais formal e decisiva desse binômio durante sua passagem (de 1953 a 1957) pelo Bacharelado em Teologia no Seminário Presbiteriano de Campinas – SPS. Tal lastro, de algum modo, direcionou todo seu legado (coerente e contrastante) como grande referência nas áreas da religião e da educação no país e no mundo. Já próximo ao seu encantamento, Rubem Alves colheu e desfrutou seu magistério da espiritualidade em circunstâncias mais informais, inclusive numa série de encontros ligeiros. Para esses ágapes criei o rótulo *SPS do Rubão – Simpósio de Poesia e Símbolos* – e consegui alguns registros fotográficos, os quais, a meu juízo, valem como dileto material empírico para meu ensaio de tangência com o tema deste II Simpósio.



¹ E-mail: joselimajunior22@gmail.com .

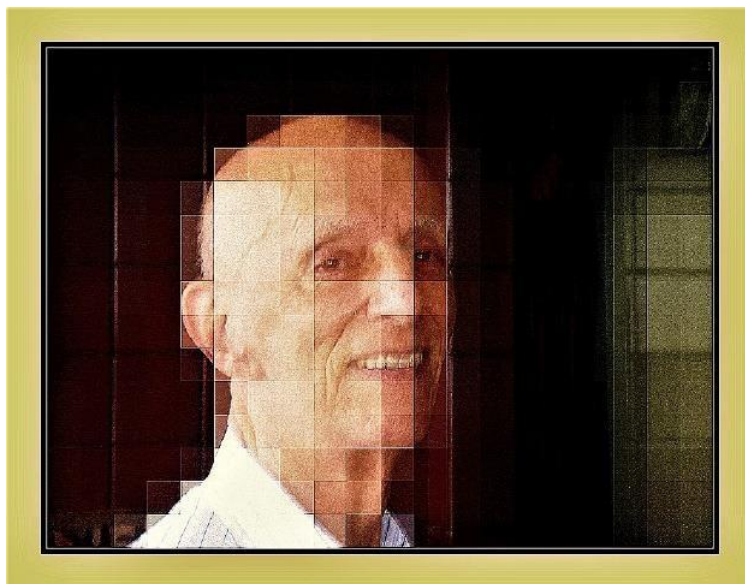
Durante quatro anos (2008-2012), foram oito encontros³ junto com Rubem Alves e apenas um sem ele. Naquela tarde de 04/12/2010 ele havia programado participar, porém não reuniu condições físicas para tanto. Mesmo assim desejou que aquele simpósio fosse realizado sem sua presença. E assim ocorreu. No total a soma das tertúlias evoca, meio nostálgica, a máxima de Oswald de Andrade: *A alegria é a prova dos nove.*

Continuando no âmbito introdutório pretendo explicitar melhor o título de minha comunicação para este II Simpósio da SIRA. Entendo que a dedicatória “*ao mestre*” está para a educação assim como o mimo específico “*com moldura*” está para a religião (mais propriamente, religiosidade; ou, como prefiro: espiritualidade). A primeira relação nem carece comentar. Já a segunda (moldura/religião) talvez exija algum argumento: os itens consagrados ao mistério, ao fantástico, ao imaginado... nada mais são senão importantes códigos (sistemas, esquemas, enquadramentos, molduras) dentro dos quais se circunscrevem sentidos para o viver e para o morrer.

E ao título acrescento agora uma etiqueta: *aprendendo poses de paixão*. Mesmo desnecessário, vou incomodar um pouco mais sua leitura com algumas sugestões de significados. Partindo do pressuposto da aprendizagem como recurso imprescindível para a experiência social, os objetos desse aprender abarcam o alcance de uma competência de captação e interpretação da realidade, inclusive daquela realidade objetiva/subjetiva sutilmente disposta/exposta como pose de uma paixão, como postura de um *pathos*, como porte de um padecimento. E por causa dessa delicada sutileza que permeia os escaninhos do amor-e-sua-fortuna arrisco reafirmar a necessidade de alguma insistência no exercício de decodificação e invenção semânticas diante de um duplo singular: a complexa e indesatável realidade dos amantes e uma restrita representação de uma realidade contígua através da fotografia e da letra. Logo, faz-se mister a especial importância da co-laboração educativa.

Assim, procurando sem êxito não me alongar no trato dos fundamentos, conto com sua condescendência para outros parágrafos preliminares à apresentação das imagens e dos escritos que dedico a Rubem Alves, tendo como referência os nove encontros mencionados. Em tempo, buscando compensar essa procrastinação, me valho de uma frase extraída de uma belíssima coluna escrita pela Marina Silva⁴ – frase que desde o início me soa como adequada epígrafe, apenas deslocada para esta página:

Há muitos anos guardo, do educador Rubem Alves, a lição da incompletude humana da qual só o amor nos redime. E educação é um outro nome da palavra amor.

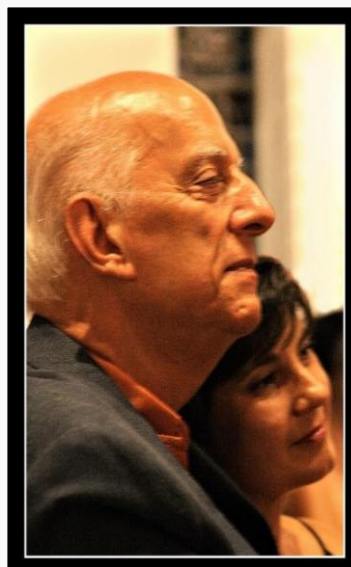


Ao Mestre, com moldura – aprendendo poses de paixão guarda reverente intento de contraponto imperioso. Explico: participei do I Simpósio da SIRA com uma conferência presencial em Juiz de Fora (28/08/2019). Na oportunidade apresentei o tema *Pipas, piões e apostas: Rubinho aos 48, na segunda etapa*⁵. Quero recordar que tal apresentação foi dedicada à Lidinha⁶ – mãe zelosa dos três filhos de Rubem Alves. Para este II Simpósio, sem negar o carinho pela saudosa Lidinha, vou me reportar a outra pessoa igualmente querida e que foi o grande amor, a grande paixão de Rubem Alves, além de estar ao lado do escritor em seus momentos mais criativos como cronista sobre religião e educação: Thais Couto⁷.

Como reforço para minha escolha neste artigo cito um trecho insuspeito do Instituto Rubem Alves em sua página na internet⁸. Essa respeitável entidade presidida com ternura e inteligência pela filha Raquel Alves (a menina do pássaro encantado) assegura que

os anos de seu [Rubem Alves] relacionamento com Thais [1995-2009] marcam seu desligamento gradativo da vida de psicanalista, ocupando-se exclusivamente de dar palestras (nacionais e internacionais) e escrever. Foi nesses anos que conheceu o vilarejo de Pocinhos do Rio Verde, por onde se apaixonou. Constrói um chalé no alto de uma colina desse lugar para poder viver perto da natureza também, revezando dias em Campinas e dias em Pocinhos (entre 1998 e 2008). Rubem Alves se consagrou um dos maiores nomes da educação brasileira nesses anos e intensificou sua produção literária nas áreas de educação e crônicas do cotidiano.

Ademais, com vontade de agregar alguns informes ao acervo (*memorabilia*) de Rubem Alves e sem pudores (impróprios quando o afã historiográfico ultrapassa veleidades egóticas), pressinto haver aceitável acolhimento de leitura diante de dados pessoais que apresento a seguir. Nesse caso, excepcionalmente, creio que os fins justificam os meios.



Esta foto foi feita por meu amigo Ricardo Raggi⁹. Registro obtido exatamente às 20:19 do dia 27/01/2006 na capela de um condomínio em Campinas. Era a celebração, por mim dirigida, de meu casamento com Nadia Regina Rodrigues. Naquele instante estávamos ouvindo a canção *Eu não existo sem você* (Tom Jobim & Vinícius de Moraes)¹⁰. Depois acompanhamos algumas palavras de Bernardo Soares (Fernando Pessoa)¹¹, lidas de modosoberbo por Quinita Ribeiro Sampaio:

*A verdadeira experiência consiste em restringir o contato com a realidade e aumentar a análise desse contato.
Assim a sensibilidade se alarga e aprofunda, porque em nós está tudo; basta que o procuremos e o saibamos procurar.
Que é viajar, e para que serve viajar?
Qualquer poente é o poente;
não é mister ir vê-lo a Constantinopla.
A sensação de libertação, que nasce das viagens?
Posso tê-la saindo de Lisboa até Benfica,
e tê-la mais intensamente do que quem vá de Lisboa à China,
porque se a libertação não está em mim,
não está, para mim, em parte alguma. [...]
Nunca desembarcamos de nós.*

Para além do que enxergamos na foto, podemos olhar o clima sereno, tranquilo e romântico nas expressões faciais de Rubem & Thais. Somos capazes ainda de “ver” o que minutos depois Rubem confidenciou para Nadia e pessoas próximas, à entrada do salão de festas: *Me deu vontade de casar.*

Como sabemos, a roda da fortuna tem seus encantos e suas tragédias. E de seus caprichos não escaparam Rubem & Thais. Quem por perto esteve, atesta. Senão, convém conferir uma espécie de reedição do amor vivido por Pedro Abelardo & Heloisa (na França do século XII) lendo o último terço da obra de Gonçalo Júnior: *É uma pena não viver – umabiografia de Rubem Alves.*

Como numa livre associação recorde alguns anos antes, numa viagem de carro, apresentei para Rubem um disco que lhe conquistou: *Classical*, gravado em 1973 por Babra Streisand. Dentre as faixas saliento especialmente a sexta: *In trutina* – um texto da Carmina Burana¹², musicado por Carl Orff em 1935/36. Transcrevo o original e tomo a liberdade de dar uma versão estendida – pensando na história de Rubem & Thais:

*In trutina mentis dubia
Fluctuant contraria
Lascivus amor et pudicitia
Sed eligo quod video
Collum iugo prebeo
Ad iugum tamen suave transeo*

Todo
em dúvida,
contraditório...,
meu coração balança
entre o desejo e o decoro:
com água da alegria da carne
ou mágoa da agonia sem charme.
Olho e escolho aquilo que me domina,
como se suave fosse

Volto ao *SPS do Rubão (simpósio de poesia e símbolos)* para avançar nos enlaces entre espiritualidade e aprendizagem. Tais ligações serão sugeridas; jamais desenvolvidas em moldes acadêmicos de praxe. Você fará sua recepção criativa e recreativa, como lhe aprouver. Vamos excursionar num mosaico mestiço *fragmentos de um discurso amoroso*. Vamos passear pelo apaixonado-e-apaixonante discurso teológico & pedagógico de Rubem Alves. Vamos deambular antes que seja tarde e o dia decline...

Enfim, desdobrando o tema *Ao mestre, com moldura (aprendendo poses de paixão)* e aplicando-o aos nove encontros¹³, eis o sumário:

Ao Mestre,
com desejo
com assombro
com deslumbre

Ao Mestre,
com aposta
com herança
com chamada

Ao Mestre,
com sonho
com recreio
com saudade

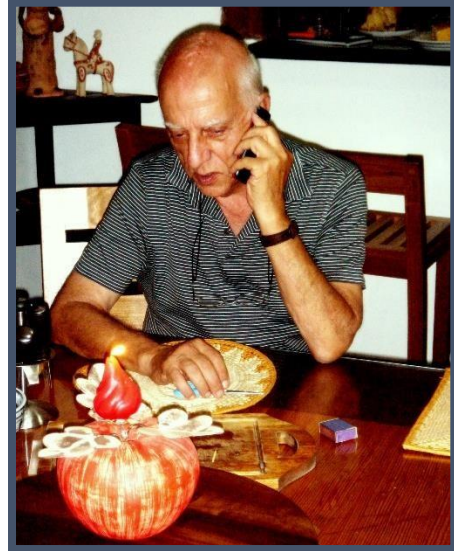
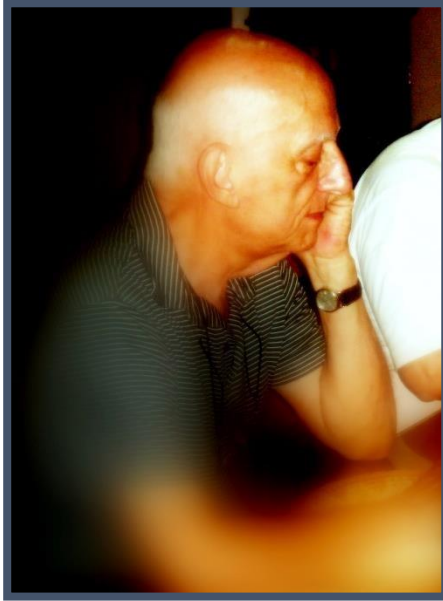


I. Casa do Rubem Alves. 30/11/2008 (Dia do teólogo)

Se o corpo, em última análise, contém a verdade de tudo o que dizemos, o caminho para a verdade do nosso discurso sobre a educação deverá passar pelo corpo do educador.

Conversas com quem gosta de ensinar, p. 51.





Ao Mestre, com desejo

Tardia soa campana da j'aula;
hora pro avesso ao hábito:
auscultar almas baças,
imersas, incontidas...
solidariamente solitárias.

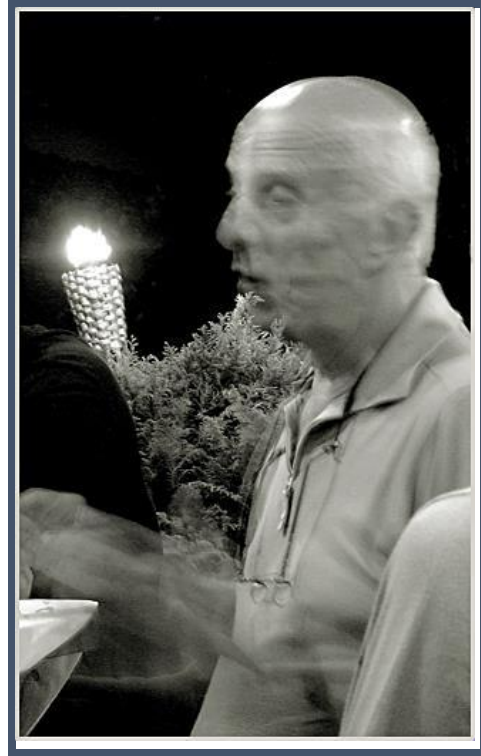
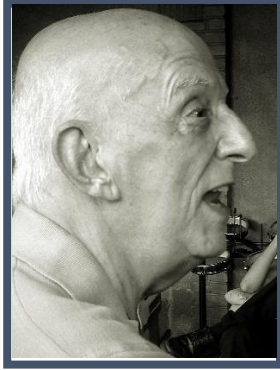
Como conter as listras do tigre
ou soletrar o sol vida afora...
uma última vez, pra sempre,
triscando tudo tal qual aquele
ontem mineiramente desbravado?

II. Casa da Vasti e do Luiz Carlos. 01/02/2009

Uma abordagem adequada do problema contemplaria a necessidade de mudanças sociais, e a educação, ao invés de ser dirigida para a integração, deveria criar a consciência inquieta e crítica, que exatamente por ser desajustada teria as condições para pensar estas mesmas transformações.

Conversas com quem gosta de ensinar, p. 95.





Ao Mestre, com assombro

parece que Picasso
passou por a^{qui}lhures
em anti-síntese cúbica
contra a consolução

de relance
riscou ramos
desassossegados
em noqueira noturna

e num mo(vi)mento apoteótico
inflamou corpos a mais mudanças
com sua contradança meio muda
mini miúda, mega malagueta

LERO II¹⁵

III. Casa da Vasti e do Luiz Carlos. 26/04/2009

Infelizmente [Wittgenstein] nada disse se, para lutar contra um feitiço mau, era necessário fazer uso de um feitiço bom...

Conversas com quem gosta de ensinar, p. 67.





Ao Mestre, com deslumbre

um café mota
e um bolo de fubá
pro bailarino aluado:
sacramento de seus dias.

sobre o que não se pode falar...

rajadas exorcizantes de super tição
abrasam o gaúcho guapo com pia cuia
y *un cafecito es más* que mero cafezinho:
vira zwinglianismo a las cuatro de la tarde.

LERO III¹⁶

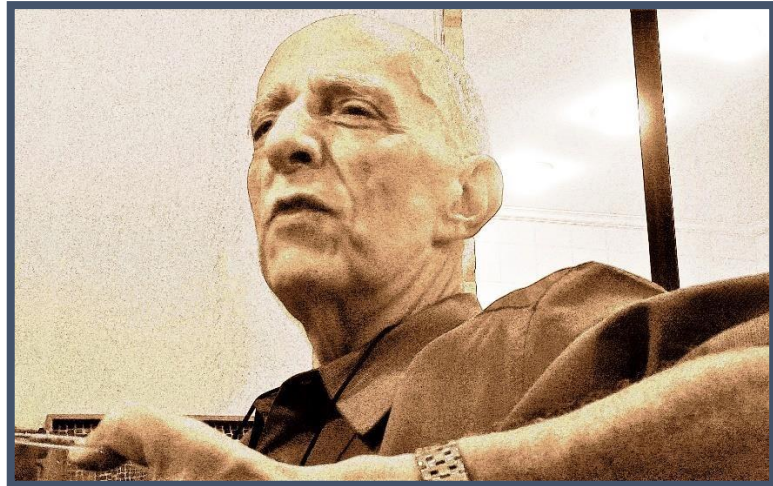
19

IV. Casa da Nadia e do zé lima. 20/03/2010

*O corpo é a entrada da alma,
a dor e o prazer os fundamentos do pensamento. [...] A economia pragmática e libidinal do corpo só retém os conceitos que funcionam como extensões de si mesmo ou que tenham uma função lúdica: eficácia e prazer. É justamente neste ponto que se insere a questão da dificuldade da aprendizagem. O que é imediatamente experimentado não precisa ser ensinado nem repetido para ser memorizado. Um choque elétrico, o calor da chama, o gosto bom do figo em caldas e catupiri que o Drummond tanto aprecia – aprendizagem imediata.*

Conversas com quem gosta de ensinar, pp. 44, 52.





Ao Mestre, com aposta

A grande razão tem tantas tensões
que a própria paixão até anoitece;
e como sua membrana se eriça,
certo é: a ciência cai e capota.
Mas, talvez, mui a propósito,
já que a corpoética não rima
e nietzschianamente íntima,
jogo dados num compósito:
os sentidos à raiz do método,
as sensações à flor da máquina
e sentimentos ao sabor da música,
tão bem os sabem poros, peles e pelos.

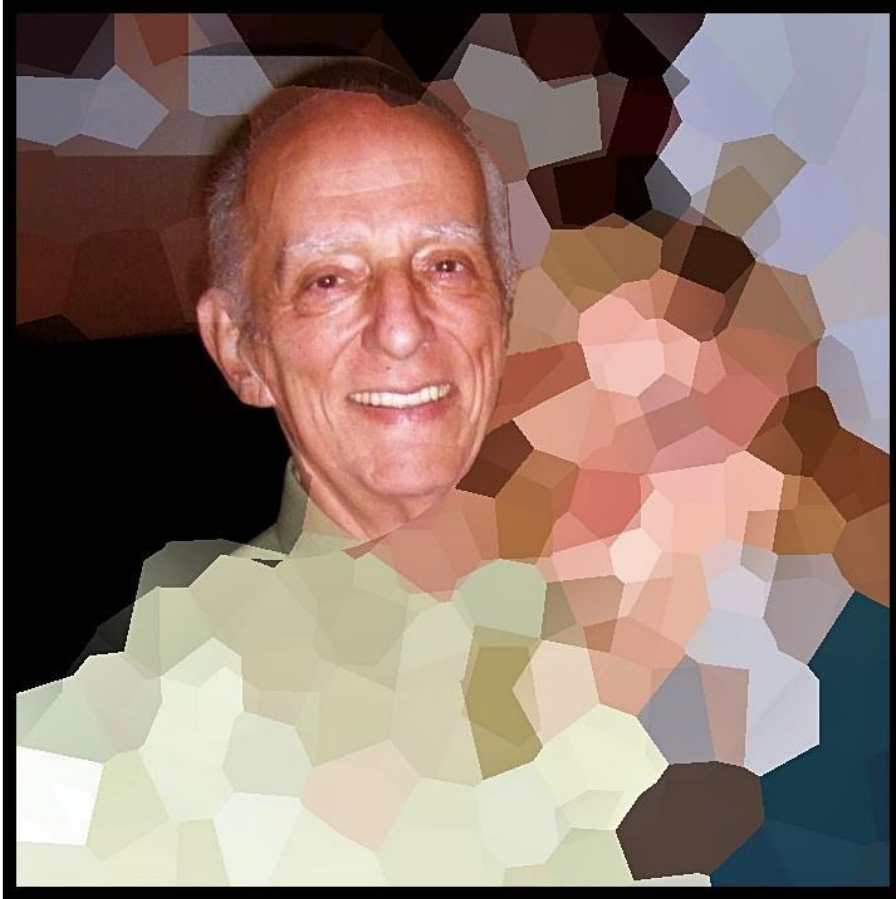
V. Casa da Nadia e do zé lima. 28/08/2010

Mais que simples símbolos operacionais, as palavras me ligam aos objetos do meu amor, ausentes. [...]

Fala o corpo porque falta algo ao corpo. A fala, o pensamento, são atos de êxtase – estar fora do seu lugar e do seu momento.

Conversas com quem gosta de ensinar, pp. 48, 49.





Ao Mestre, com herança

Riacho recorta
uma pocinha perdida
borboletando suas pitangas
entalhadas como verbos de vidro
montados contra as paredes do adeus.

Assim agora seus termos
lavam na fresta do infortúnio
vírgulas, travessões e reticências
exclamando que valeu enquanto viveu
sentimento eterno e heloisamente abelardo.

VI. Casa da Luciana e do Paulo. 04/12/2010

Na linha que vai de Platão a Freud, o evento libertador exige que sejamos capazes de dar nomes ao nosso passado. A lembrança é uma experiência transfiguradora e revolucionária. Tanto assim que Marcuse chega a se referir à função subversiva da memória. Por mais curioso e paradoxal, parece que o mais distante é aquilo que está mais próximo do nosso futuro.

Conversas com quem gosta de ensinar, p. 32.





Ao Mestre, com chamada

Oh! catorze meses de vida,
venham seus índices
brindar cócegas
nos lóbulos dos símbolos.

Oh! catorze anos de idade,
venham suas lágrimas
luzir hóstias
nas cólicas das pérolas.

Oh! catorze bodas de Baco,
venham seus cálices
lavar bálsamos
nas pégulas das crônicas.

Oh! catorze julhos do século,
venham suas páginas
colorir têmperas
nas pátinas do epílogo.

LERO VI¹⁹

VII. Apartamento do Rubem Alves. 16/04/2011

O fruto proibido tinha de ser um fruto de potência sedutora máxima. O que não é o caso da maçã. A maçã é fruta pudica. [...]

O fruto proibido, segundo entendo, foi o caqui. O caqui inteiro é tentação. É só olhar pra ele para que ele diga: "Me coma..." E basta relar o dedo nele para que ele se dispa e seus sucos vermelhos comecem a escorrer.

O caqui. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2612200605.htm>





Ao Mestre, com sonho

Tríade fito-elíptica.
Tríptico sígnico-semântico.
Tríplice práxis poético-pnêumica:
do Éden ao holocausto num pescar de óleos,
do claustro ao Jardim Guanabara, por causa *dus causu*
e da quadra com perda pro quadro quase pedra a polinizar a paz.

VIII. Casa da Nadia e do zé lima. 15/10/2011

*O brinquedo, sem produzir qualquer utilidade, produz
alegria. Felicidade é brincar.*

[...]

No brinquedo nos encontramos com aquilo que amamos.

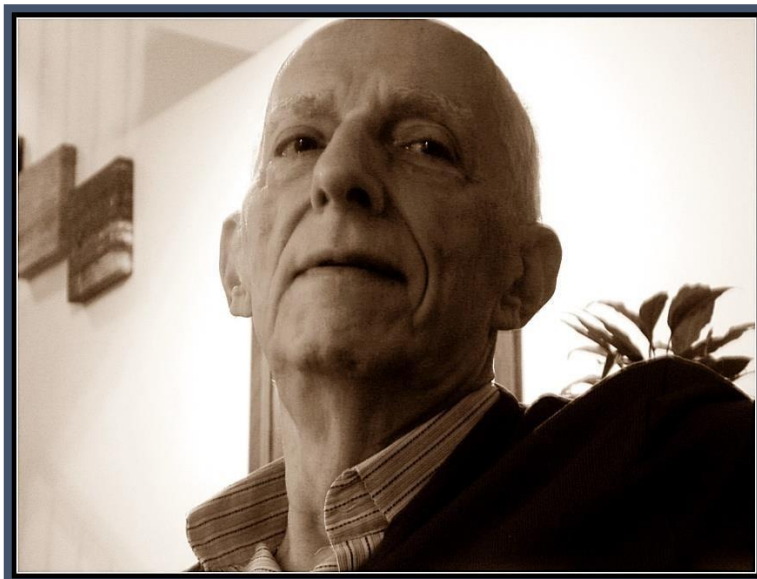
No brinquedo o corpo faz amor com objetos do seu desejo.

[...]

No brinquedo temos uma amostra do Paraíso.

A alegria de ensinar, 76, 77.





Ao Mestre, com recreio

A pipa roça o céu;
sua linha desenha o vento
– viagem do imaginoso.

O pião dança na terra;
seu barbante tensiona a concretude
– corpo da história.

A aposta palpita o talvez;
sua sístole estranha a morte
– sineta para o viver.

Empinar pipas.
Rodar piões.
La[n]çar apostas.

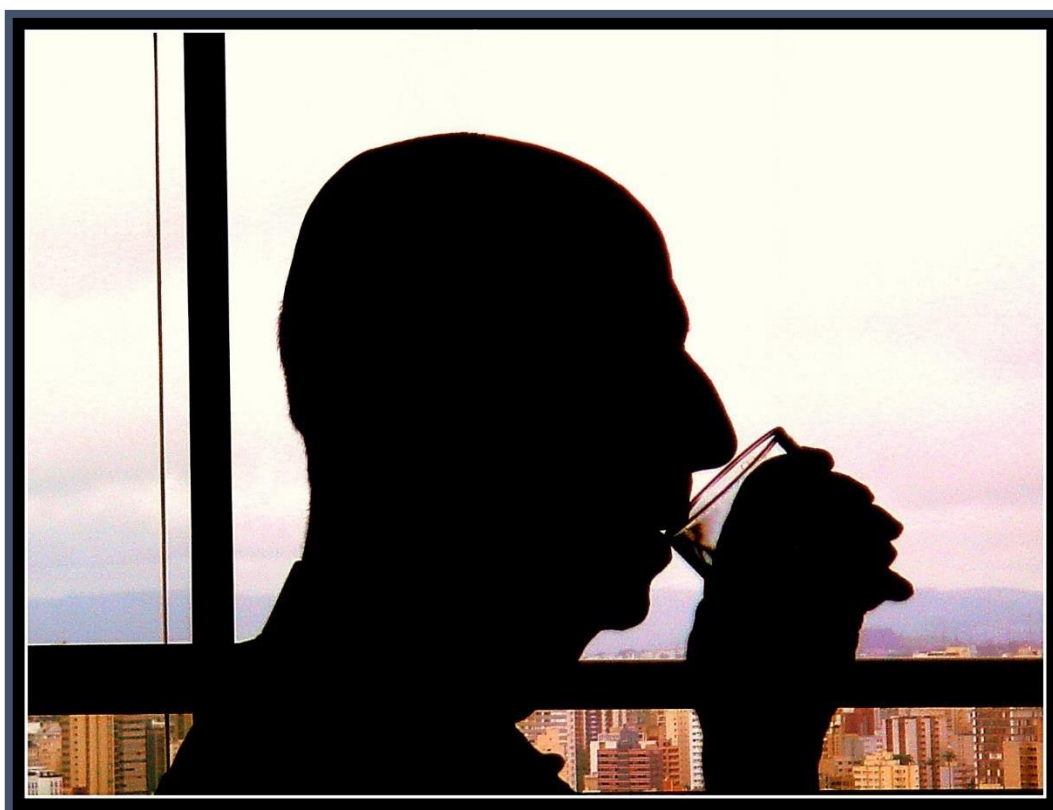
Apasionadamente!

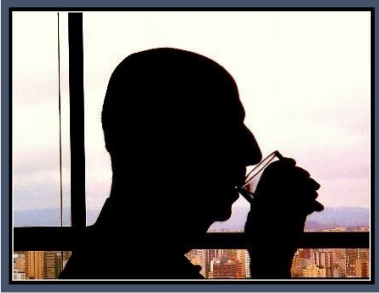
IX. Apartamento do Rubem Alves. 15/12/2012

*Ensinar é um exercício de imortalidade.
De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos
aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra.*

A alegria de ensinar (contracapa)

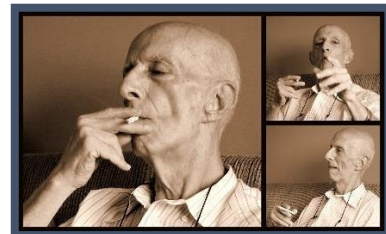






Ao Mestre, com saudade

resta uma fixação sub-sublimada.
resta um doce deleite em beijo tépido.
resta uma oral materialização do espírito.
resta um vestido blasé em bruma esvoaçante.
restam três tragadas como espetáculo xamânico.
resta uma silhueta imensa para o quintal no céu.
resta uma cidade sedenta, engasgada com sépia.
resta uma dose para tapar as bocas dos leões.
restam os desejos, assombros, deslumbres.
restam as apostas, heranças, chamadas.
restam sonhos, recreios, saudades.
resta uma personagem incrível.
resta um jardineiro comum.
resta um escriba poético.
resta uma criança só.
restam plenitudes.
restam buracos.
resta silêncio.



Referências

- ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*.
São Paulo: Ars Poética, 1994.
- ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*.
São Paulo: Ars Petica, 1995.
- ALVES, Rubem. *Sobre o tempo e a eternidade*.
Campinas: Papirus, Speculum, 1995.
- ALVES, Rubem. *Pimentas – para provocar um incêndio, não é preciso fogo*.
São Paulo: Planeta, 2012.
- ALVES, Rubem. *O caqui*.
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2612200605.htm>
https://fondazione.cogeme.net/files/Progetti/Pubblicazioni/Il_giardino_della_Vita_testo.pdf
<https://www.popolis.it/70-anni-per-non-dimenticare-hiroshima-e-nagasaki/>
- ALVES, Rubem. *Despedida*.
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff011201105.htm>
- ALVES, Rubem. *A escola ideal*.
<https://www.youtube.com/watch?v=qjyNv42g2XU>
- BLANC, Aldir. *Resposta ao tempo*.
<https://www.youtube.com/watch?v=Wqn07VvU3s0>
- GONÇALO JUNIOR. *É uma pena não viver – uma biografia de Rubem Alves*.
São Paulo: Planeta, 2015.
- HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. *Um homem que aprendeu a dançar*.
<https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21815>
- INSTITUTO RUBEM ALVES. *Biografia*.
<https://institutorubemalves.org.br/biografia/>
- LIMA JÚNIOR, José. *Corpoética – um passeio pela palavra*.
Campinas: Texto & Textura, 2013.
- LIMA JÚNIOR, José. *Pipas, piões e apostas*.
<https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/28913>
- PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*.
São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- PESSOA, Fernando. *Odes de Ricardo Reis*.
<http://arquivopessoa.net/textos/3408>
- RAGGI, Ricardo. *Foto de Rubem Alves & Thais Couto*.
Arquivo JPG. Campinas, 27/01/2006, 20:19.
- SILVA, Marina. *Além do cotidiano*.
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0411201106.htm>
- STREISAND, Babra. *In trutina*.
<https://www.youtube.com/watch?v=903mclWgAyc>
- TOM & VINÍCIUS. *Eu não existo sem você*.
<https://www.youtube.com/watch?v=JrTkXo00TuY>
- WIKIPÉDIA
https://pt.wikipedia.org/wiki/Carmina_Burana

Notas

(Nada tão contrário ao Rubem Alves crepuscular quanto um texto cheio de notas como este. Pena. Ninguém é perfeito.)

¹ **José Lima Júnior**, natural de Campinas (1951), professor universitário aposentado.

² **Rubem Azevedo Alves** nasceu em Boa Esperança (MG) aos 15 de setembro de 1933 e ficou encantado em Campinas (SP) aos 19 de julho de 2014.

³ 30/11/2008; 01/02/2009; 26/04/2009; 20/03/2010; 28/08/2010; **04/12/2010**; 16/04/2011; 15/10/2011; 15/12/2012.

⁴ **Marina Silva**, liderança política reconhecida no Brasil e admirada em todo mundo, escreveu o artigo *Além do cotidiano* na Folha de S. Paulo (04/11/2011) três dias depois de Rubem Alves publicar no mesmo jornal seu último artigo, intitulado *Despedida* (01/11/2011).

⁵ Conferência publicada na **Revista Numen** v. 22, n2, jul./dez. 2019, p. 64-84.

⁶ **Lídia Nopper Alves** (06/02/1940) casou-se com Rubem Alves no dia 07/02/1959. Tiveram três filhos: Sérgio, Marcos e Raquel. Em 1994 divorciaram-se. Casaram novamente em 18/12/2010. Lidinha (como era carinhosamente chamada) faleceu aos 29/12/2016.

⁷ **Thais Helena Andrade Machado Couto** (1959), fonoaudióloga, psicóloga clínica, soube do escritor Rubem Alves em 1987 lendo *A menina e o pássaro encantado*. Fez psicanálise com ele em 1992. Começaram um convívio amoroso em 1995, terminado em 2009.

⁸ <https://institutorubemalves.org.br/biografia/>, acesso em novembro de 2020.

⁹ Exceto esta foto de Ricardo Raggi, todas as demais são de minha autoria (incluindo os tratamentos em programas de manipulação de imagens: Windows, Photoscape, Picasa etc.).

¹⁰ *Eu sei e você sabe, já que a vida quis assim, que nada nesse mundo levará você de mim. Eu sei e você sabe que a distância não existe, que todo grande amor só é bem grande se for triste. Por isso, meu amor, não tenha medo de sofrer, que todos os caminhos me encaminham pra você. Assim como o oceano só é belo com luar, assim como a canção só tem razão se se cantar, assim como uma nuvem só acontece se chover, assim como o poeta só é grande se sofrer, assim como viver sem ter amor não é viver, não há você sem mim e eu não existo sem você.* **Tom Jobim & Vinícius de Moraes**.

¹¹ **Livro do desassossego** (organização de Richard Zenith), pp. 155-s.

¹² **Carmina Burana**, obra composta por volta dos séculos XI ou XII. Trata-se de um manuscrito encontrado em Benediktbeurn (Baviera, Alemanha) com 254 canções irreverentes. A Wikipédia reproduz uma iluminura do codex retratando o tema central: a roda da fortuna – musicado por Carl Orff em 1935/36.



¹³ Para cada encontro escolhi uma frase de Rubem Alves, arranjei uma colagem de fotos, destaquei uma ou mais fotos e elaborei uma espécie de escrito poético. Quanto a este, para fins estritamente memoriais (já que poesia não se deslinda em explicações), deixo nestas notas algum **LERO** (Lembrete Estímulo pra Releitura Oblíqua).

¹⁴ **LERO I** – Eu soube, em tempo real, com quem Rubem falava ao telefone. Pelo menos foram duas ligações/conversas entre Rubem e Thais naquele simpósio. Na segunda parte do meu texto *Ao Mestre, com desejo*, há apropriações de ideias e palavras trocadas por eles em e-mails transcritos por Gonçalo Junior (obra citada). E para maior ênfase nesta minha homenagem a **Thais Couto** verticalizo seu nome em acróstico.

¹⁵ **LERO II** – Se você prestou atenção às fotos da colagem notou aquela em que Rubem Alves apresenta sua cabeça “borrada” (efeito da baixa velocidade do obturador). Nesse mo(vi)mento ele estava sentado entre o **Paulo Nogueira** e o **Luiz Carlos Ramos**. Daí a alusão aos nomes de ambos no trecho central do meu texto *Ao Mestre, com assombro*.

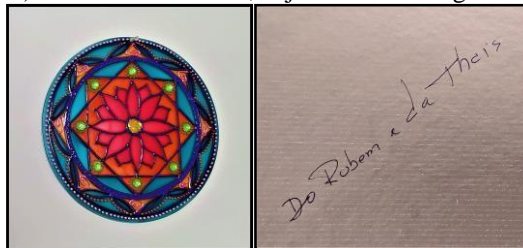
¹⁶ **LERO III** – Esta é uma das fotos preferidas. Nela Rubem exibe uma pose, uma postura, um porte magistral e sacerdotal; está como quem se assenta e leciona; como quem ergue os elementos e os consagra.

Tudo acontecendo diante de um painel rico em alusões à natureza e à cultura – obra do talentoso artista

plástico **Marcos Antonio Brescovici**. Há inclusive a presença sutil de um bichano dando um toque meio misterioso à cena. Meu texto *Ao Mestre, com deslumbre* evoca, ademais, três pessoas, cada qual com sua presença marcante junto a Rubem Alves. Cito primeiro **Esequiel Laco Gonçalves** – aquele que na fotocolagem está com o chimarrão, posto que *gaucho guapo*. Esequiel foi companhia fiel e solícita também nos últimos anos de Rubem Alves. Provavelmente seja a pessoa que mais e melhor ouviu as confissões de Rubem nessa época. Outro nome que meu texto alude é **Zwinglio Mota Dias**. Foi aluno do professor Rubem Alves no Instituto Presbiteriano Gammon, em Lavras e ovelha do pastor Rubem Alves na Igreja Presbiteriana naquela cidade mineira. Décadas depois, durante os anos de chumbo na América Latina, já referência no movimento ecumênico, Zwinglio escapou de ser preso em Montevideo (Uruguai). Não encontrando café no escritório da entidade onde trabalhava, saiu. Entrou num Café em frente. Então viu a chegada dos agentes da repressão no prédio do escritório, por certo à caça dele também. Finalmente e não menos cordial é a menção cifrada a um dos mais importantes organizadores/diretores da SIRA, além de ser notável pesquisador sobre *religião e arte* (com realce para Rubem Alves): **Arnaldo Érico Huff Júnior**, que escreveu uma linda homenagem ao Zwinglio (*Um homem que aprendeu a dançar*). Nesse texto Arnaldo chega a sugerir, carinhosamente, que Zwinglio é um *dançarino avoado*. Tomo esta expressão afetiva e no meu verso sapateio o nome do Arnaldo no meio das palavras *bailarino aluado*.

¹⁷ **LERO IV** – Pela primeira vez em nossa casa, esse quarto *Simpósio do Rubão* me remete aos fundamentos da espiritualidade e do aprendizado que mais me impactam em Rubem Alves. De minha parte, como resposta, retomo Pascal e Nietzsche aventando uma *corpoética* (um jeito requebrado de conceituar a situação corpórea em sua complexidade somática/psíquica/pnêumica, num contexto histórico e numa ocorrência peculiar única a partir de valores assumidos, explodidos e imaginados – tudo à sombra de uma chance criativa inata, desenvolvida e/ou experimental). No meu texto *Ao Mestre, com aposta* as dimensões somáticas, psíquicas e pnêumicas do corpo passam, pesam e se perdem em seus poros, peles e pelos.

¹⁸ **LERO V** – Bem no meio da série, uma lenta e solene melodia à ausência. Tanto aquela factual (vivida pelo Rubem em relação à Thais) quanto outra ausência apenas **adiada** e felizmente revertida em minha corpoética. Na foto da colagem você confere Rubem abraçado à Nadia. Também informo que, por estarem posando para a câmara que eu empunhava no meio da sala, Rubem e Nadia poderiam notar exatamente atrás de mim (pregado na parede da escada de nossa casa) o presente que Rubem & Thais nos deram naquela celebração citada (27/01/2006): uma linda mandala, cuja caixa/embalagem trazia os nomes dos doadores.



Por isso no meu texto *Ao Mestre, com herança* retorno ao testamento religioso-educativo deixado por Rubem & Thais: sem paixão não há sentido-que-valha-a-pena. Deles repito palavras transitivas – as que lograram sucesso e as que amargaram malogro. E mais: admito o acerto do testemunho de Carlos Rodrigues Brandão ao declarar para Gonçalo Junior (obra citada, p. 328) que o “melhor Rubem Alves que conheceu foi aquele de Caldas”. Só pra frisar, lembro que Rubem construiu seu chalé no município de Caldas (em Pocinhos do Rio Verde), no *Mar de Minas* para viver seu *melhor* com Thais. E como você deve ter percebido, assinalo em acróstico o nome Rubem Alves.

¹⁹ **LERO VI** – Se a etimologia do vocábulo grego συμπόσιον (*simpósio*) implica *beber junto*, nesta tarde de 04/12/2010 Rubem não estava junto pra beber. Então meu texto virou uma chamada com gosto de hiperetologia e um rito acadêmico com toque pnêumico. Vamos aos conotativos... No álbum de retratos na página (internet) do Instituto Rubem Alves a primeira foto corresponde a Rubem Alves, bebê, com três meses. A segunda é ele com pouco mais de **catorze meses**. É o menininho sentado numa cadeira para adultos, com os pezinhos soltos no ar, tendo às mãos um livro. Não vou reproduzir essa imagem aqui porque ela é responsável por um *punctum* em Thais. Conforme Roland Barthes (em *Câmara Clara*), *punctum* é uma fisgada, um beliscão que alguma foto provoca no sentimento mais íntimo de alguém. Tanto que, já separada de Rubem, ao comentar (aos 06/04/2013) sobre essa foto que figura na capa do livro *Sete vezes Rubem*, Thais escreveu, com lágrimas, num e-mail pro Rubem: [o menino] *está na pintura do quadro no final da minha escada. Não me peça de volta. Não lhe daria. Ele é meu! Ele me conhece e me entende* (trecho extraído do livro de Gonçalo Junior, obra citada, p. 432). Pudera! Thais foi companheira querida de

Rubem por **catorze bodas**. Um relacionamento estável que marcou definitivamente ambos. Um amor tão raro quanto sofrido (pura paixão). Muito antes, porém, Rubem padeceu demais aos **catorze anos** de idade. Numa escola carioca alguém o chamou de ridículo por conta de sua condição social empobrecida e seu sotaque *mineiro* caipira. E no século vinte, depois de **catorze julhos**, o cálice de Rubem Alves – tantas vezes transbordante – finalmente ficou vazio só pra ecoar o quanto o sumo da vida é inesgotável.

²⁰ **LERO VII** – Muita gente sabe, porém não custa reiterar: depois de uma palestra *herético-erótica*, na qual (entre outros assuntos) apresentou sua versão do mítico fruto proibido (não a maçã e sim o caqui), Rubem Alves (imagino, em companhia de Thais) conheceu um caquizeiro descendente da única árvore sobrevivente aos bombardeios atômicos sobre Hiroshima e Nagasaki. Ganhou três folhas dessa árvore e as tratou com óleo verniz, acondicionando-as em um quadro com moldura. Portanto, esse quadro é mais que decorativo e tem a ver com religião e educação, pois a referida palestra de Rubem aconteceu no evento *Il Giardino della Vita (La Carta della Terra e il suo potenziale educativo)* organizado por religiosos em novembro de 2006 na Itália, Brescia. Tanto na sua casa antes como em seu apartamento depois, esse quadro sempre marcou presença – isso se constata nas fotos de 31/11/2008 e 16/04/2011. Nesta última foto ainda detecto três quadros: o quadro na parede, o quadro do meu recorte do Rubem e seu quadro, e o extra-quadro olhado pelo Rubem. Na parede um passado com suas lições e homilias, no ambiente da sala um presente sereno e seguro, e para além um vazio carregando mistério.

²¹ **LERO VIII** – Este texto *Ao Mestre, com recreio* em outra diagramação (cursiva simples) faz parte do meu artigo correspondente à conferência apresentada no I Simpósio da SIRA, já mencionada. A data desse oitavo encontro coincidiu com a comemoração do Dia do Professor. Aliás, por mais de quarenta anos lecionei no ensino superior e sempre me referi ao intervalo entre as aulas como sendo recreio. Por óbvio, as turmas de estudantes reagem com espanto e risinhos, pois a palavra usada parece atrelada aos níveis básicos da escolarização. Daí eu tentava levar a classe ao seguinte entendimento: o termo *intervalo* implica a indicação de algo que está entre outros, é um termo amarrado/voltado ao que antecede e ao que sucede. Diferentemente, o vocábulo *recreio* chama atenção para si mesmo, para o que vale como fim e não como meio, tem uma conotação ligada ao lúdico. Acho que Rubem Alves concordaria com essa ideia para as suas apaixonantes brincadeiras na religião e na educação.

²² **LERO IX** – Pra você que me acompanhou até esse último *SPS do Rubão (simpósio de poesia e símbolos)* quero completar esse exercício-ensaio com três considerações:

1. A fragilidade de Rubem comove mais ainda com sua maneira doce-e-desconcertante de trazer à visualidade a matéria prima do pnêuma: o ar. E me lembro de Ricardo Reis a pontificar: *O tempo passa, não nos diz nada. Envelhecemos. Saibamos, quase maliciosos, sentir-nos ir.*
2. A grandeza firme-e-fabulosa de Rubem ao não (se) afastar (d)o copo de sua existência – muitas vezes sorvido com seu indefectível *Jack Daniel's*. Com tal *spirit* imagino uma boa *resposta* de Rubem *ao tempo* – como na letra de Aldir Blanc sobre melodia de Cristóvão Bastos: *Batidas na porta da frente. É o tempo. Eu bebo um pouquinho pra ter argumento, mas fico sem jeito. Calado, ele ri, ele zomba do quanto eu chorei. Porque sabe passar e eu não sei. Num dia azul de verão sinto o vento. Há folhas no meu coração. É o tempo. Recordo um amor que perdi. Ele ri. Diz que somos iguais. Se eu notei. Pois não sabe ficar e eu também não sei. E gira em volta de mim. Sussurra que apaga os caminhos. Que amores terminam no escuro, sozinhos. Respondo que ele aprisiona, eu liberto. Que ele adormece as paixões, eu desperto. E o tempo se rói com inveja de mim. Me vigia querendo aprender como eu morro de amor pra tentar reviver. No fundo é uma eterna criança que não soube amadurecer. Eu posso, ele não vai poder me esquecer.*
3. O incomensurável espólio de carisma-e-cenário para todos nós que temos Rubem Alves como Mestre de brinquedos e Pastor de belezas. Ele mesmo, a partir de um poema de Vinícius de Moraes (*O Haver*), elencou o que lhe restava deixar: a luz do crepúsculo, os amigos... E dentre seus milhares de amigos, nós que também *aprendemos a ver o mundo pela magia de sua palavra*: Esequiel, Paulo Roberto, Luiz Carlos, Vasti, Nadia e eu.

